**ARTIGO CIENTÍFICO**

**Contos de fadas, narrativas curtas e fábulas: uma experiência de leitura literária e a motivação para o trabalho de reescrita, revisão e desenvolvimento da oralidade**

*Gilmar Martins Borges*

**Resumo**

O estudo da literatura, ou seja, dos textos literários têm sido uma via de acesso aos mais variados gêneros textuais, pois assim o discente e o docente estão aproveitando uma habilidade ímpar dada aos seres humanos que é a capacidade da linguagem. Nós fomos presenteados por uma incrível habilidade de comunicação, tão natural que, muitas vezes, não damos a ela seu devido valor. É algo que possibilita o ser humano “entrar na mente” de outro ser humano, despertando curiosidade, aguçando imaginação, manipulando idéias, mudando atitudes, gerando conflitos, tudo apenas com o poder do uso das palavras.

Não se concebe a leitura como um ato solitário, pois o leitor participa de uma comunidade de leitores, onde as leituras são partilhadas como experiências vividas e o caminho que nos conduz até o literário passa por uma predisposição individual, mas também por mediações externas como é o caso do professor de português ou literatura em relação aos seus alunos.

Os PCN nos apresentam uma lista de razões sobre a importância da leitura, que vai desde “ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada a aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de texto”.

Os PCN ainda acrescentam: “Além das condições descritas, são necessárias propostas didáticas especificamente no sentido de formar leitores”. E apresentam sugestões de trabalho com os alunos, como: leitura diária, leitura colaborativa, projeto de leitura, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura e a leitura feita pelo professor.

Além de propormos e monitorarmos algumas práticas pedagógicas em textos literários, como fábulas, narrativas curtas e contos de fadas, com a apropriação da leitura, escrita, reescrita e revisão desses textos, seguiremos algumas recomendações apresentadas pelos PCN, no tocante ao estímulo a reflexão e a análise sobre a língua por nossos alunos. São formas de trabalharmos os elementos estruturais através de formas mais práticas e contextualizadas.

Citaremos os eixos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, como aprendendo com textos, revisão de texto, ortografia, pontuação e aspectos gramaticais.

Assim, o ensino das estratégias de compreensão dos textos em estudo contribuirá para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender.

**1 - INTRODUÇÃO**

Esta é uma investigação que se insere no âmbito da pesquisa sobre a prática da leitura e análise de textos literários, exclusivamente das narrativas curtas, fábulas e contos de fadas, pois a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Nesse processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam a leitura. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidade que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado.

Mas a variedade não afeta apenas os leitores, seus objetivos, conhecimentos e experiências prévias. Os textos que lemos também são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para a transmissão de informação escrita. Não encontramos a mesma coisa em um conto que em um livro de texto, em um relatório de pesquisa que em um romance policial, em uma enciclopédia que em um jornal. O conteúdo muda, naturalmente, mas não se trata apenas disto. As diferentes estruturas do texto impõem restrições à forma em que se organiza a informação escrita, o que obriga a conhecê-las, mesmo que intuitivamente, para se compreender esta informação de forma adequada.

O nosso estudo gira em torno da diversidade de leituras dos textos literários, sem querermos estancar as possibilidades ao nosso dispor, aqui se defendem diferentes experiências/encontros/eventos com os textos. Defende-se, também, a formação de um leitor que perscruta a força das palavras, as representações presentes nos textos – o visível e o não tão invisível -, a força das vozes presentes nas narrativas, já que nos colocamos, por meio das linhas escritas, frente a frente com essas vozes, que traduzem outras experiências, outras formas de compreensão do real.

Julgamos, por assim dizer, que os artefatos, dentre eles os livros, desempenham um importante papel. Seus ensinamentos se materializam nas palavras ditas, modos de dizê-las, nos cenários e nas cores, nas imagens, nos silêncios e nas omissões, que, de forma relacional, vão instituindo as significações, mais ou menos estáveis, dentro dos jogos de poder que se exercitam nas diversas instâncias sociais.

Esse potencial da literatura se evidencia nas citadas sessões de leitura, confirmando os processos educativos que se consolidam sobre o sensível, o estético, bem como o político, processo que, muitas vezes, não se fazem presentes no *script*, não raramente previsível, das aulas de leitura na escola.

Essa investigação, como também a prática dos processos de leituras e análise dos textos literários, adveio da pesquisa bibliográfica. Tratou-se de permear caminhos no sentido de compreendermos o quanto é importante a formação de leitores e o desenvolvimento das competências de leitura e quanto ela exige esforço teórico-metodológico com o fim de reinventar as suas práticas na escola. Para tanto, o estímulo à leitura e o planejamento de ações pedagógicas propositivas e potencializadoras devem estar previstos na pauta do cotidiano escolar.

Nesse sentido, esta investigação deve tomar para si a tarefa de promover ações e pensar no desenvolvimento das competências infanto-juvenil, por meio de estratégias metodológicas inovadoras. Pesquisar com as crianças, instigando-as, desafiando-as na construção de uma leitura literária requer a seleção de estratégias produtivas, que possibilitem a captura das interpretações infantis a respeito do foco de investigação.

Diante desse contexto todo, observamos que a literatura infantil de todos os quadrantes do mundo, assim como as narrativas nascidas na oralidade do folclore ou do mito de todos os povos guardam entre si um inegável parentesco. Vladimir Propp e os teóricos estruturalistas, em estudos minuciosos, desvelaram funções e propuseram tipologias e gramáticas narrativas dando conta do comportamento de tais semelhanças.

Segundo Vera Maria Tieztmann Silva, em seu livro “Literatura Infantil Brasileira – um guia para professores e promotores de leitura”, podemos usar de uma metáfora para compreendermos os textos narrativos, como sendo uma floresta, com suas arvores, arbustos e plantas rasteiras de diversas espécies, formas e matizes.

Veremos que os estruturalistas, como botânicos ordenando um guia herbário, descreveram essas plantas-narrativas em sua morfologia e seus variados modos de ser. Comprovaram a “lógica dos possíveis narrativos”, revelando suas combinações e previsibilidades. Formatos, colorações, comportamentos – nada escapou na descrição das frondes das árvores-narrativas, com seus ciclos e florações sempre tão afetadas pelo clima.

Com esse vínculo, chegamos aos aspectos mais exteriores das narrativas, aos caules e troncos de onde se abrem as frondes em galhadas e folhagem.

De que se nutre o rico imaginário que vemos tomar forma em narrativas míticas, folclóricas e literárias?

Vera cita os arquétipos teorizados por Jung, como sendo “os instintos, os esquemas de pensamentos coletivos da mente humana também são inatos e herdados” (Jung, 1964, p.75).

Esses arquétipos constituem o lastro universal, espécie de magma interno, intenso e fervilhante, que, vindo à superfície, multiplica-se em histórias aparentemente tão diversas, em tantas línguas distintas, com tantos cenários diferentes, exóticos ou familiares.

**2- DESENVOLVIMENTO**

**2 .1 – Os Contos de Fadas**

Os contos de fadas, um dos temas que será abordado nesse artigo, por sua vez, não surgiram necessariamente pra ensinar algo às crianças, embora posteriormente tenham adquirido essa característica. E na foi assim até pelo fato de que os contos de fadas são anteriores ao surgimento do sentimento de infância.

Há especulações de que os contos de fadas tenham surgido antes da Idade Média. A versão que chegou até nós, aquelas com as quais convivemos em nossa infância e continuamos contando aos nossos filhos, entretanto, foram produzidas nesse período histórico e isto é bastante visível nos temas, palavras, situações presentes nos contos de fadas. Neles estão presentes reis, rainhas, florestas e todo um conjunto de características próprias do mundo feudal com sua importância social delimitada. Os temas e as situações dos contos de fadas também retratam as condições de vida do mundo feudal. Isto é expresso claramente em O Pequeno Polegar e em Joãozinho e Maria que contam a aventura de crianças que eram abandonadas na floreta pelos seus pais, devido a sua situação de miséria, o que era comum nas famílias dos servos submetidos à exploração do senhor feudal.

Os contos de fadas, à medida que foram se aproximando da infância, foram se transformando até chegar nas versões que hoje conhecemos. Perpassaram séculos e se mantiveram como instrumentos importantes de ensinamentos de deleite para adultos e crianças.

A partir dessas reflexões terei como objetivo primordial nesse artigo apresentar o lugar dos contos de fadas na escola hoje e de que forma será possível usá-lo em sala de aula.

Sabemos que a escola representa um lugar privilegiado para a promoção do contato da criança com a literatura tendo em vista que muitos alunos ao ingressarem na escola tiveram pouco ou nenhum contato com livros literários fora do ambiente escolar.

Ainda hoje é importante que as novas gerações conheçam as narrativas do conto de fadas, criando assim, a consciência de que essa literatura, que atualmente é conhecida como clássica, surgiu na tradição oral, mesmo antes da escrita, contadas por pessoas do povo com o objetivo de distração e entretenimento.

Além da importância da leitura desses clássicos, são muitas as características destas histórias que podem ser trabalhadas e discutidas em sala de aula, como o próprio final feliz que, à primeira vista parecer uma vida longe de conflitos e dificuldades, mas que na verdade apresenta o aprendizado do herói que passa a reconhecer que sua felicidade está na busca de seus objetivos e não simplesmente em alcançá-lo. Cabe a nós professores discutir com as crianças essa característica dos contos de fadas, fazendo com que reflitam sobre o verdadeiro sentido do final das histórias.

Outra característica do gênero que nós precisamos destacar para o aluno é o fato de as histórias serem atemporais, começando por expressões como “Era uma vez...” ou “Em certo reino...”, indicando que os fatos ali narrados podem ter acontecido há muitos anos ou há pouco tempo. Trabalhando essas características, a criança passa a refletir sobre expressões que podem ser utilizadas em seus textos, melhorando suas produções textuais.

Outro fator que auxilia na produção dos textos é a estrutura do conto de fadas, pois é rica em acontecimentos: existe a luta do bem contra o mal, bem como os elementos mágicos e personagens que auxiliam o herói em meio às dificuldades.

Concomitantemente, outro ponto fundamental no trabalho com os contos, precisa ser a escolha da história, pois devemos considerar inicialmente a versão ou adaptação mais adequada ao grupo, além de um bom planejamento da história.

Já em outro momento, como alternativa para esse trabalho, fora sugerido atividades que envolvera situações como produção de cartas, bilhetes, convites, listas, entre outros, de acordo com trechos da história.

Na tabela a seguir, utilizamos como referência aos contos de fadas alguns passos que foram descritos anteriormente e seguidos nas aulas.

|  |  |
| --- | --- |
| Etapas | Descrição de atividades |
| 1ª Etapa | * Leitura dos contos de fadas. * Fazer perguntas aos alunos, como: Quem já ouviu essa história? Alguém te contou ou você leu em um livro? Como é a história que você conhece? |
| 2ª Etapa | * Definir a técnica mais adequada para contar. Nesse caso a simples narrativa com o auxílio do livro. |
| 3ª Etapa | * Preparar uma caixinha contendo papéis com as seguintes perguntas que serão respondidas livremente pelos alunos: O que vocês acharam da história? Que trechos vocês mais gostaram? Qual sua personagem preferida? Por quê? Qual a personagem menos lhe atrai? Por quê? Se você estivesse no lugar da personagem como agiria? Você conhece alguém que se parece com a personagem? O que você acha de pessoas que maltratam os outros? |
| 4ª Etapa | * Produção de contos de fadas. |
| 5ª Etapa | * Atividades artísticas. |

**2.2 – Narrativas Curtas**

Para composição do presente artigo, optamos por um recorte do objetivo a ser estudado, o que possibilitará melhor aprofundamento. Essa linha, acabamos nos detendo em um específico desdobramento do gênero narrativo: o conto.

O conto tradicional abarca uma estrutura que encerra, basicamente, três momentos distintos; a introdução, inserindo o leitor no universo a ser relatado, tecendo-lhe as particularidades do espaço em que desenvolve a ação e apresenta dando-lhe, paulatinamente, as figuras que transitarão pelo mudo aqui edificado; o conflito, que implicaria o surgimento de um problema, um impasse ou um drama que desencadeará todas as peripécias e infortúnios necessários para o encaminhamento da trama; e o clímax, que se institui como o ensejo mais impactante da obra, em que a protagonista se vê encurralada e o conflito, igualmente afoito, adere ao jogo proposto pelo texto; Em última instância, e não menos importante, revela-se o desfecho, em que o conflito outrora configurado a narrativa é, enfiem, solucionado, conduzido a protagonista ou a um final harmonioso, recompensado-a por suas privações ao longo da história.

As narrativas curtas apresentam específicos traços que exigem do destinatário uma análise mais cuidadosa, além de exibir um conflito bem definido, centrado basicamente em apenas um núcleo de personagens.

A objetividade desse tipo de texto e a precisão do conflito a ser desenvolvido, bem como a ausência de digressões, confere á trama um certo dinamismo que garante a adesão do destinatário, como também a constância de humor e de poeticidade ao logo do enredo.

Não obstante, um dos traços que igualmente os permite caracterizar as narrativas curtas está a relação dialógica estabelecida a partir do elo entre o texto verbal e o não verbal. Em outras palavras, o que marca as ficções pertencentes ao mencionado gênero reside **a** constate veiculação de imagens que ilustram e interagem com a narrativa, com a construção verbal, em perfeita harmonia.

Atentado a essa perspectiva, fora proposto o ensino da leitura fundamentada teórica e metodologicamente nas estratégias metacognitivas de compreensão leitora, centradas em uma concepção dialógica de texto, leitura e linguagem.

É importante ressaltar que esses percursos evidenciaram como princípios norteadores os seguintes apontamentos;

a- a compreensão é a razão da leitura;

b- leitores são intencionados e ativos – tem propósitos para a leitura, ativam o conhecimento prévio para construir o sentido do texto e sabem tirar o máximo e proveito isso;

c- leitores usam estratégias ates, durante e depois da leitura para compreender o texto;

d- a leitura comporta especificidades que podem ser ensinadas.

Já em outro momento fora ativado as conexões de leitura – conexão texto - leitor, conexão texto – texto, conexão texto – mudo Com isso os alunos ativaram o conhecimento prévio sobre o assunto.

Esse processo fora feito a detectação do primeiro vínculo dialógico entre a história lida e outras já conhecidas, anotado o pensamento em um quadro Com isso os alunos aprenderam a ativar seus conhecimentos e registrar seus pensamentos a hora da leitura.

Depois de trabalhar com as mencionadas conexões, chegou a vez do trabalho com os *gráficos organizadores,* que consistia em conectar com outros enredos.

Para ficar bem claro vamos exemplifica través do seguinte quadro

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Aluo | Trecho do texto | Tipo de conexão |
|  |  |  |
|  |  |  |

Ao completar o quadro, veremos que o aluno terá delineado um mapeamento bastante nítido das relações intertextuais detectadas.

**2.3 – O Gênero Fábula**

A linguagem literária é caracterizada por sua plurissignificação. Termos e expressões são utilizados muitas vezes com sentidos diferentes daqueles que lhes são atribuídos comumente. Por isso, as palavras no texto literário têm o poder de nos envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real.

As fábulas são narrativas curtas, que simultaneamente divertem e instruem, nas quais os autores refletem sobre os costumes e comportamentos sociais, angústias, anseios e valores de sua época.

Concomitante, apresentam os elementos textuais constitutivos da narrativa, tais como enredo, narrador, personagens, tempo e espaço. Além disso, apesar de se apresentarem, geralmente, como textos relativamente curtos, as fábulas possuem um enredo organizado. Possuem também um ensinamento, que nas versões tradicionais aparece explicitamente e recebe o nome de moral.

A proposta aqui relatada veio da necessidade de se trabalhar com os alunos da unidade escolar atividades sequenciadas com fábulas, pois através dessa atividade, os alunos desenvolveram situações de leitura e escrita com diferentes graus de complexidades visando ampliar o contato com diversos tipos e gêneros de texto que tratam do mesmo assunto.

Ao trabalhar com atividades que englobam a leitura – a compreensão, a interpretação e a produção escrita, mais possibilidades o estudante terá para desenvolver suas habilidades de linguagem e, assim, usar um número cada vez maior da língua materna para produzir sentidos e promover sua interação com o mundo.

Como já apontamos, leitura, produção textual, conhecimentos linguísticos e oralidade são componentes do ensino de língua materna que demandam, na nossa concepção, trabalho de forma integrada, harmônica, complementar.

Nessa proposta de trabalho visamos oferecer atividades referentes à prática de leitura, à ortografia, à gramática e à reflexão sobre a língua e que estas fossem além da nomenclatura, das classificações, da simples análise sintática de frases soltas. Meu objetivo fora levar cada criança a refletir e compreender como as unidades da língua funcionam na construção dos textos e que efeitos seus usos acarretam nos textos lidos e consequentemente nos documentos escritos por eles.

Além de contextualizar o ensino da gramática a partir do contexto em que as expressões se encontram, os alunos ainda conseguiram interagir com seus pares, explicando aos outros estudantes seus pontos de vista em relação ao trabalho e utilizando para isso argumentos para convencer os demais companheiros.

Outro exemplo de atividade com o estudo da gramática foi a troca dos pronomes presentes nas frases do texto pelos substantivos adequados, permitindo que as crianças discutissem a quem se referia o trecho do texto lido.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), o aluno deve desenvolver também a linguagem oral sendo, portanto, fundamentais a proposição de situações em que os alunos possam emitir suas opiniões sobre um texto, destacar suas reflexões e debater com os colegas sobre as diferentes leituras realizadas.

Após realizarmos as atividades de estudos da língua escrita, propus a produção e reescrita de várias fábulas.

Com a produção e revisão de textos, os alunos começaram a compreender que seus escritos são provisórios e por isso as propostas de revisão assumem um papel importante no processo de aprendizagem da língua. Nesse sentido, reafirmamos que o trabalho de reescrita e revisão de textos deve ser constantemente privilegiado, de modo que, cada vez mais, assuma sua real função: monitorar todo o processo de produção textual desde o planejamento, de tal maneira que o escritor possa coordenar eficientemente os papéis de produtor, leitor e avaliador do seu próprio texto.

Retomando aqui a plurifuncionalidade da literatura e, por conseguinte, da leitura literária. A leitura significativa das fábulas em sala de aula evidencia muito mais que uma primeira função pedagógica, expressa pala moral presente, em geral, ao final da narrativa. A leitura literária das fábulas representa a possibilidade de um trabalho de fruição estética por parte dos alunos.

Enfim, nosso trabalho permitiu que os alunos desenvolvessem suas capacidades de leitura, debatessem e entendessem os textos, assim como enxergassem que o autor pode construir e desconstruir textos, por meio de propostas de escrita frequentes que visem ao aperfeiçoamento do potencial comunicativo das crianças.

**3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tive como objetivo ao longo desse trabalho discutir o lugar dos contos de fadas, as narrativas curtas e as fábulas na escola hoje e de que forma é possível fazer uso deles na prática cotidiana.

Outrossim, a escola deve funcionar como um espaço onde a leitura seja possível, sem sofrer a descaracterização que vemos hoje, que a afasta das práticas desenvolvidas no mundo social. Esses gêneros textuais nesse contexto podem trazer significativas contribuições, pois pode funcionar como elo entre as práticas orais vividas pelas crianças em seus contextos sociais e a vida escolar.

Enfim, confirmamos que esses textos, se bem utilizados, podem ser um excelente instrumento de aprendizagem de leitura e escrita e uma boa maneira de discutir sobre o mundo no qual estamos inserido, dependendo somente do seu uso adequado por parte do professor.

**4 – REFERÊNCIAS**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Portuguesa, Brasília: MEC \ SEF, 1997.

*Leitura literária na escola:* reflexões e propostos na perspectiva do letramento / Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia Tagliari Feba ( organizadores). – Campinas, SP: mercado de Letras, 2011.

*Literatura: ensino fundamental* / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

204 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

Manual de TCC – *Pós-Graduação*, Fael – Lapa , 2014.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. S586l *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. – 2. Ed. – ver. – Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*; trad. Cláudia Schilling – 6.ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.